

DENNIS LEHANE

ESTRADA ESCURA

TRADUÇÃO
Fernanda Abreu



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Dennis Lehane
Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Moonlight mile

Capa
Elisa Randow

Foto de capa
Luca Vieira

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Renata Del Nero
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lehane, Dennis
Estrada escura / Dennis Lehane ; tradução Fernanda Abreu.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Moonlight mile.
ISBN 978-85-359-2008-6

1. Ficção — Literatura norte-americana I. Título.

11-12528

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

PARTE 1

VOCÊ PARECIA TÃO REAL

1

Em uma tarde ensolarada e atipicamente quente de início de dezembro, Brandon Trescott saiu do spa do luxuoso Chatham Bars Inn, em Cape Cod, e entrou em um táxi. Uma desagradável sequência de multas por dirigir embriagado lhe valera a proibição de conduzir qualquer veículo automotor no estado de Massachusetts nos trinta e três meses seguintes, portanto Brandon sempre andava de táxi. Aos vinte e cinco anos, filho playboy de uma juíza do Supremo Tribunal e de um figurão da mídia local não era o típico jovem rico babaca. Ele fazia questão de se superar nisso. Quando o poder público finalmente apreendeu sua habilitação, ele já estava na quarta infração por dirigir embriagado. Tinha recorrido das duas primeiras, conseguindo transformá-las em “direção imprudente”, e a terceira lhe valera uma severa advertência, mas a quarta tinha ferido outra pessoa que não Brandon, que escapou ileso.

Nessa tarde de inverno, com a temperatura beirando os quatro graus, Brandon usava um casaco de capuz estilosa-mente manchado e desbotado vendido nas lojas por cerca de novecentos dólares sobre uma camiseta de seda branca cuja gola era puxada para baixo por óculos escuros de seiscentos dólares. Sua bermuda *baggy* exibia pequenos rasgos, cortesia da criança indonésia de nove anos que tinha sido mal e porcamente paga para colocá-los ali. Ele estava de chinelo em pleno mês de dezembro e ostentava um despojado chumaço de cabelos louros no estilo surfis-

ta que tinha o encantador hábito de viver caindo na frente de seus olhos.

Uma noite, depois de beber o equivalente ao próprio peso em uísque Crown Royal, Brandon capotou com seu Dodge Viper quando voltava do cassino em Foxwoods com a namorada no banco do passageiro. Embora ela fosse sua namorada havia apenas duas semanas, era improvável que um dia namorasse outra pessoa. Seu nome era Ashten Mayles, e ela vivia em estado vegetativo desde que o teto do carro afundara bem em cima de seu crânio. Um dos últimos atos que tentara realizar enquanto ainda tinha pleno domínio de seus membros fora arrancar a chave do carro da mão de Brandon no estacionamento do cassino. Segundo testemunhas, ele reagira à preocupação da garota jogando um cigarro aceso em cima dela.

Naquela que fora possivelmente a primeira vez em que Brandon tivera de enfrentar consequências reais na vida, os pais de Ashten, que não eram ricos, mas tinham bons contatos políticos, tinham decidido fazer tudo o que estivesse a seu alcance para garantir que ele pagasse por seus erros. O resultado fora um processo movido pelo promotor público do condado de Suffolk por direção sob influência de álcool e conduta imprudente. Brandon passou o julgamento todo com cara de quem estava chocado e moralmente indignado por alguém ter conseguido se safar depois de ter exigido que ele assumisse a responsabilidade. Ao final do julgamento, foi condenado e cumpriu uma pena de quatro meses de prisão domiciliar. Em uma casa muito agradável.

Durante o processo civil que transcorreu em seguida, descobriu-se que o menino rico na verdade não tinha bem nenhum. Não tinha carro, não tinha casa. Até onde se sabia, não tinha nem mesmo um iPod. Nada estava em seu nome. Os bens estiveram em seu nome *antes*, mas ele tinha passado tudo para os pais, discretamente, no dia anterior ao acidente. Era o *antes* que deixava todo mundo indignado, mas ninguém podia provar nada. Quando o júri do

processo civil concedeu uma indenização de sete milhões e meio de dólares à família Mayles, Brandon Trescott virou os bolsos do avesso e deu de ombros.

Eu tinha uma lista de todas as coisas que ele possuía antes e que estava legalmente proibido de usar. Por decisão judicial, o uso desses objetos significaria não somente aparência de posse, mas a posse em si. Os Trescott recorreram da definição usada pelo tribunal para a palavra “posse”, porém a imprensa caiu em cima deles e o protesto popular foi tão forte que daria para guiar um navio até o porto em noite de neblina, de modo que eles acabaram assinando o acordo.

No dia seguinte, em um esplêndido “foda-se” tanto para a família Mayles quanto para a gritaria geral, Layton e Susan Trescott compraram um apartamento para o filho em Harwich Port, uma vez que os advogados dos Mayles não tinham incluído no acordo rendas ou bens futuros. E foi até Harwich Port que eu segui Brandon no início desta tarde de dezembro.

O condomínio recendia a mofo, cerveja choca e comida apodrecendo na pia em pratos sujos. Eu sabia disso porque já tinha ido lá duas vezes instalar grampos, copiar todas as senhas do computador dele e fazer o trabalho de espionagem que os clientes pagam fortunas para fingir que não sabem que caras como eu fazem. Eu tinha vasculhado os poucos papéis que conseguira encontrar, mas sem achar nenhuma conta bancária da qual já não soubéssemos nem um demonstrativo de rendimentos no mercado de ações que não tivesse sido informado. Depois de hackear o computador dele, encontrei mais ou menos a mesma coisa: nada a não ser seus choramingos egoístas para velhos amigos de faculdade e algumas cartas imensas e patéticas a editores de jornais coalhadas de erros de ortografia e jamais enviadas. Ele acessava vários sites pornográficos e lia todos os artigos escritos a seu respeito.

Quando o táxi o deixou em casa, tirei meu gravador digital do porta-luvas. No dia em que arrombei seu apartamento

para hackear o computador, instalei um transmissor de áudio do tamanho de um grão de sal embaixo do móvel da televisão e outro no quarto. Escutei-o soltar uma série de pequenos grunhidos enquanto se preparava para o banho, e depois os ruídos que fez enquanto tomava uma chuva-rada, se secava, trocava de roupa, servia uma bebida, ligava o televisor de tela plana para sintonizar em algum reality show lamentável sobre gente burra e acomodava-se no sofá para coçar o saco.

Dei um ou dois tapas nas minhas bochechas para me manter acordado e comecei a folhear o jornal que estava em cima do banco do carro. Estava previsto um novo pico de desemprego. Um cão havia resgatado seus donos de um incêndio em Randolph, apesar de ter sido recentemente operado no quadril e estar com as pernas traseiras presas a uma cadeira de rodas canina. O chefão local da máfia russa tinha sido acusado de dirigir embriagado depois de encalhar o carro na praia de Tinean durante a maré alta. O Boston Bruins tinha vencido em um esporte que me deixava com sono quando eu assistia, e um jogador de terceira base da liga profissional de beisebol com sessenta e seis centímetros de circunferência de pescoço protestava indignado diante de alegações de doping por anabolizantes.

O celular de Brandon tocou. Ele começou a falar com um sujeito que não parava de chamar de “brou”, só que a palavra soava mais como “broa”. Conversaram sobre os jogos do PlayStation 2 *World of Warcraft* e *Fallout 4*, sobre os rappers Lil Wayne e T.I. e sobre uma mulher que conheciam da academia cujo perfil no Facebook mencionava o quanto ela malhava no Wii Fit apesar de, tipo, morar bem em frente a um parque, e eu olhei pela janela do carro e me senti velho. Era uma sensação que vinha tendo com frequência nos últimos tempos, mas que não me causava tristeza. Se era assim que as pessoas de vinte e poucos anos ocupavam seu tempo atualmente, elas que ficassem com seus vinte e poucos anos. Podiam ficar com os trinta e poucos também. Inclinei o encosto do banco e fechei os

olhos. Depois de algum tempo, Brandon e seu broa encerraram a conversa dizendo:

— Falou, broa, se cuida então.

— Se cuida você também, broa, se cuida aí direitinho.

— Aí, broa.

— O quê?

— Nada, não. Esqueci. O bagulho tá foda.

— Que bagulho?

— O bagulho de esquecer as coisas.

— Ah, tá.

— Falou então.

— Falou então.

E os dois desligaram.

Procurei razões para não dar um tiro na minha cabeça. Encontrei umas vinte ou trinta bem depressa, mas mesmo assim não tive muita certeza se conseguiria suportar mais uma conversa entre Brandon e um de seus “broas”.

Dominique era outra questão. Era uma garota de programa que havia entrado na vida de Brandon dez dias antes pelo Facebook. Na primeira noite, eles passaram duas horas no chat. Desde então, tinham se falado três vezes pelo Skype. Dominique não havia tirado nenhuma peça de roupa, mas fora generosa nas descrições do que aconteceria caso (a) ela algum dia se dignasse a ir para a cama com ele, e (b) ele conseguisse arrumar a significativa quantia em dinheiro necessária para isso. Dois dias antes, eles tinham trocado números de celular. E, que Deus a abençoe, ela ligou uns trinta segundos depois de ele encerrar a ligação com o broa. Aliás, era assim que o babaca atendia o telefone:

Brandon: Que foi?

(É sério. E as pessoas continuavam ligando para ele.)

Dominique: Oi.

Brandon: Ah, *oi*. Porra. Oi! Você está na área?

Dominique: Vou estar.

Brandon: Então chega mais.
Dominique: Você esqueceu o que a gente falou no Skype. Eu não iria para a cama com você aí nem usando um macacão antirradiativo.
Brandon: Então finalmente você está pensando em ir para a cama comigo. Nunca conheci uma puta que escolhesse com quem vai para a cama.
Dominique: Você já conheceu alguma bonita como eu?
Brandon: Não. E olha que você tem tipo a idade da minha mãe. Mas mesmo assim. Porra. Você é a mulher mais gostosa que eu já...
Dominique: Que gracinha. E vamos esclarecer uma coisa... eu não sou puta. Sou prestadora de serviços carnais.
Brandon: Eu não sei nem o que isso significa.
Dominique: Não me espanta nada. Agora vá compen-sar um título, um cheque ou sei lá o que, e depois venha me encontrar.
Brandon: Quando?
Dominique: Agora.
Brandon: Agora, tipo agora?
Dominique: Agora, tipo agora. Eu estou na cidade hoje à tarde, e apenas hoje à tarde. Não quero ir para um hotel, então é melhor você arrumar outro lugar, e eu não vou esperar muito.
Brandon: E se for um hotel muito bom?
Dominique: Agora vou desligar.
Brandon: Você não vai des...

Ela desligou.

Brandon soltou um palavrão. Jogou o controle remoto na parede. Depois chutou alguma coisa. — A única puta cara que você vai conhecer na vida? — disse, falando sozinho. — Sabe o que mais, broa? Você pode comprar umas dez que nem ela. E pó também. Vá para Vegas.

Sim, ele realmente chamava a si mesmo de “broa”.

O telefone tocou. Ele devia ter jogado o aparelho junto com o controle remoto, porque o toque soou distante e eu o ouvi atravessar a sala aos tropeços para ir buscá-lo. Quando chegou lá, o telefone já tinha parado de tocar.

— *Putá que pariu!* — gritou bem alto. Se eu estivesse com a janela aberta, poderia ter escutado do carro.

Levou mais uns trinta segundos para começar a rezar.

— Olha aqui, broa, eu sei que fiz umas merdas aí, mas, juro, pode fazer ela ligar de novo? Juro que vou à igreja e coloco uma porrada de verdinhas naquele cesto. E vou ser um cara melhor. Só faz ela ligar de novo, broa.

Sim, ele realmente chamou Deus de “broa”.

Duas vezes.

O toque do celular mal teve tempo de soar antes de ele abrir o aparelho.

— Oi?

— Você só tem uma chance.

— Eu sei.

— Me dê um endereço.

— Cacete. Eu...

— Tá bom. Vou deslig...

— Marlborough Street, 773, entre as ruas Dartmouth e Exeter.

— Qual apartamento?

— Não tem apartamento. O prédio todo é meu.

— Vou demorar uma hora e meia.

— Eu não consigo um táxi aqui tão rápido, e a hora do rush já está chegando.

— Então aprenda a voar. Vejo você em uma hora e meia. Daqui a uma hora e trinta e um minutos já vou ter sumido.

O carro era um Aston Martin DB9 2009. Vendido no mercado por duzentos mil. Dólares. Quando Brandon o tirou da garagem duas casas adiante, eu o risquei da lista em cima do banco ao meu lado. Também tirei cinco fotos dele

dentro do carro enquanto ele aguardava o tráfego na rua diminuir para poder sair.

Brandon pisou no acelerador como se estivesse partindo em uma expedição rumo à Via Láctea, e eu nem sequer me dei ao trabalho de ir atrás. Do jeito que ele costurava no trânsito, até mesmo alguém com o cérebro de uma lesma como Brandon seria capaz de me ver colado ao seu rabo. De toda forma, eu não precisava segui-lo; sabia exatamente para onde ele estava indo, e conhecia um atalho.

Ele chegou oitenta e nove minutos depois do telefonema. Subiu a escada correndo e abriu a porta com uma chave; eu o fotografei fazendo isso. Subiu correndo também a escada interna, e eu entrei atrás dele. Deixei uma folga de uns cinco metros entre nós, e ele estava tão ligado que demorou uns bons dois minutos para me notar. Na cozinha do primeiro andar, quando estava abrindo a geladeira, virou-se assim que bati algumas fotos com a câmera e recuou até a janela alta atrás de si.

— Quem é você, porra?

— Isso não tem muita importância — respondi.

— Você é um paparazzo?

— Por que um paparazzo ia querer saber de você? — Tirei mais algumas fotos.

Ele recuou um pouco para me olhar com atenção. Superou o medo de um desconhecido ter invadido sua cozinha e passou a avaliar a ameaça que tinha diante de si.

— Você não é muito grande. — Ele inclinou a cabeça de surfista. — Eu poderia pôr você para correr daqui com um chute na bunda.

— Não sou muito grande — concordei —, mas você com certeza não conseguiria me pôr para correr com um chute na bunda. — Abaixei a câmera. — Estou falando sério. Olhe nos meus olhos.

Ele olhou.

— Entende o que estou dizendo?

Ele assentiu de leve com a cabeça.

Pendurei a câmera no ombro e acenei para ele.

— Estou de saída mesmo. Então, olha, boa foda pra você, e vê se não transforma mais ninguém em vegetal.